

Nota sobre Unabomber: a violência do impotente

Elsa Oliveira Dias

IBPW/IWA

No dia 10 de junho último, morreu Theodore Kaczynski, matemático americano também conhecido como Unabomber, que praticou atos terroristas durante 18 anos, de maio de 1978 a abril de 1996, quando foi capturado e preso. Durante esse período, driblou três polícias estaduais dos Estados Unidos. Devido ao diagnóstico de esquizofrenia paranoide, foi condenado, não à morte, mas à prisão perpétua. Foi encontrado morto em sua cela, na prisão federal em Butner, Carolina do Norte. Ele tinha 81 anos.

De inteligência privilegiada, Ted Kaczynski formou-se em Harvard em 1962, aos 20 anos, e nesse mesmo ano matriculou-se na Universidade de Michigan, onde obteve seu mestrado e doutorado em matemática, em 1964 e 1967, respectivamente. Aos 25 anos, foi admitido como professor de cursos de graduação em geometria e cálculo na Universidade de Berkeley, na Califórnia, sendo o mais jovem professor assistente de matemática na história dessa universidade. Aos 26 anos, subitamente e sem nenhuma explicação, abandonou seu posto e foi viver recluso, numa cabana construída por ele mesmo, sem eletricidade nem esgoto, em Montana, em uma zona afastada do meio urbano. De lá, a partir de 1978, passou a enviar por correio, esporadicamente, bombas fabricadas artesanalmente com elementos não industrializados, endereçadas a professores universitários – e vem daí o “Un” de Unabomber. Seu alvo não eram indivíduos específicos, mas todos os que ele entendia serem representantes da sociedade tecnoindustrial, em especial da área de ponta: tecnocratas, pesquisadores, proprietários de companhias aéreas – vem daí o “a” de *Una*(bomber).

Durante os anos de atividade terrorista, seus explosivos mataram três pessoas e feriram outras 23. Enquanto os ataques eram esporádicos e as bombas, de fabricação doméstica, mais assustavam do que feriam, a atenção policial não chegou a ser inteiramente mobilizada; com o tempo, contudo, os explosivos tornaram-se cada vez mais potentes e, a partir de 1993, a captura de Unabomber tornou-se prioridade máxima: nela foram utilizados os mais sofisticados aparatos de investigação, tendo sido oferecida a recompensa de um milhão de dólares para quem indicasse o seu paradeiro.

Em 1995, enquanto as polícias tentavam descobrir quem era o indivíduo ou grupo que estava aterrorizando a nação, Unabomber escreveu aos principais jornais do país propondo que, se concordassem em publicar um manifesto de uma centena de páginas, no qual expunha as razões de seus atos, ele abandonaria o terrorismo. Aconselhados pelo procurador-geral dos EUA e pelo diretor do FBI, os jornais aceitaram o acordo e o manifesto intitulado “O futuro da sociedade industrial” foi publicado em 19 de setembro de 1995. A questão central desenvolvida no *Manifesto* é a proposta de pôr fim à sociedade tecnoindustrial, devido ao malefício que ela provoca, em termos de desumanização paulatina e de impedimento da liberdade humana; é à destruição desse estado de coisas que o autor quer dar início com suas bombas, de modo a começar tudo de novo sobre novas bases, uma civilização que se constitua em pequenas e autônomas unidades, sobretudo agrícolas, e cujos fundamentos preservem a natureza do homem e do meio ambiente. Ele escreve: “Graças às nossas bombas, esperamos aumentar a instabilidade social da sociedade industrial, promover ideias hostis à tecnologia e oferecer encorajamento àqueles que odeiam o sistema industrial”.

Kaczynski temia que suas teses fossem de imediato descartadas como produto de uma mente doente. Após sua prisão, afirmou ter escrito uma autobiografia para fazer as pessoas entenderem a seriedade das razões que o levaram ao terrorismo. Pouco depois de ter enviado o *Manifesto* aos jornais, Unabomber escreve a um professor de psicologia da Universidade de Berkeley, anexando uma cópia de seu panfleto, advertindo-o contra a tentação de reduzir seu caso a uma “doença mental”, o que ocultaria a dimensão racional e política de seus atos.

Assim que Kaczynski foi preso, dezenas de pesquisadores puseram-se a campo, decididos a reunir os pormenores de sua vida. Um tribunal dos Estados Unidos convocou todas as possíveis testemunhas que, desde o início de sua vida, haviam tido qualquer contato com ele e que poderiam trazer alguma luz sobre o seu trágico destino: a mãe e o irmão, naturalmente (o pai havia já morrido), mas também os vizinhos na infância, os professores e colegas do curso primário, do secundário, da universidade, os conhecidos, os colegas de trabalho, médicos, psiquiatras, psicólogos, funcionários de lojas frequentadas por ele e até um correspondente mexicano que jamais o conheceu pessoalmente.

Tendo em vista o inusitado do caso e o abundante material disponível sobre a vida e as relações de Kaczynski, decidi usar a psicopatologia winnicottiana para tentar entender melhor o que determinou a trágica existência desse homem. Escrevi por fim um artigo – Unabomber: a violência do impotente –, que foi publicado como um dos capítulos de meu livro *Sobre a confiabilidade e outros estudos*, em 2011, o qual sairá agora em 2ª edição.

À luz da teoria winnicottiana das psicoses, é perfeitamente possível traçar uma hipótese etiológica sobre os caminhos pelos quais um menino superdotado, Ted Kaczynski, se transforma em terrorista. Seu *Manifesto* ajudou muito nesse sentido, pois apesar de seu intuito ter sido o de escrever uma apologia “racional e política” contra a sociedade tecnológica, é também, com certeza, uma peça autobiográfica em que Kaczynski relata seu sentimento de opressão, a permanente ameaça de confusão mental ou desintegração, o sentimento de estar sendo submetido, acuado, o de ter a mente controlada, o perder-se de si antes mesmo de ter chegado a si. Tudo isso já havia se instalado muito primitivamente, bem antes de ele dar-se conta da tecnologia.

Apesar de o diagnóstico a que cheguei na perspectiva de Winnicott, a esquizofrenia paranoide, não ser categorialmente diferente daquele dado pelo tribunal, eu o redescrevi sob outros critérios e o completei em vários aspectos – a esquizoidia, a defesa de tipo split-off intelect, a despersonalização.

Com Winnicott, não precisamos da hipótese da loucura como um corpo estranho, uma entidade nosológica que habita o indivíduo ou da qual ele é “portador”; não precisamos nem mesmo da hipótese constitucional de uma intensidade incomum da pulsão de morte. O que se precisa é retomar a história de vida do indivíduo, desde o início, e tentar saber a que caos, medo, aprisionamento, a que constrangimento, a que agonia e desespero ele foi prematuramente exposto. Segundo Winnicott, o distúrbio psíquico não faz de quem o sofre um estrangeiro da província humana; ao contrário, diz ele, os distúrbios psíquicos só podem ser compreendidos porque fazem parte das possibilidades comuns da existência humana.